A segunda etapa de superação da pobreza no Brasil



» JOÃO PAULO DE FARIA SANTOS
Doutor em direito econômico (USP) e advogado da União

» ANDRÉ CASTELO BRANCO MACHADO
Mestre em tecnologia e sociedade (UTFPR) e presidente da Fundação Banco do Brasil

A superação da pobreza é uma conquista complexa construída em etapas. Não resulta de uma política isolada ou de um mandato governamental. Exige visão de longo prazo, decisão política, planejamento, orçamento e clareza sobre conquistas e próximos passos. O Brasil é referência mundial na primeira etapa: assumir a pobreza como responsabilidade do Estado, priorizá-la no orçamento e criar uma política de massa que eleva a renda dos mais pobres e amplia seu acesso às políticas universais, abrindo as portas de um estado de bem-estar social ainda em construção.

Essa política-âncora é o Programa Bolsa Família, programa de transferência de renda condicionada, premiado internacionalmente, integrante da Cesta de Políticas da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza e inspiração para outros países. Seu maior mérito está nos resultados: redução da pobreza extrema e das desigualdades e a saída do Brasil do Mapa da Fome da FAO, em 2025. E o Bolsa Família não é uma política isolada. Integra uma arquitetura muito mais ampla, coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), cujo grande patrimônio é o Cadastro Único.

Com 95 milhões de pessoas registradas, o Cadastro Único revela com precisão inédita as condições de vida da população de baixa renda. Articula-se à rede do Sistema Único de Assistência Social (Suas), presente em todos os municípios, com centenas de milhares de trabalhadores que convertem informações e acompanhamento familiar em serviços e garantias de direitos.

Reduzir drasticamente a miséria e ampliar a segurança alimentar não elimina as bases territoriais e econômicas de sua reprodução. No Marajó, na Baixada Maranhense ou no Baixo Parnaíba, persistem condições estruturais que a renda, isoladamente, não transforma. Nesses territórios, as transferências de renda dinamizam o comércio, os pequenos negócios e o consumo, movimentando a economia de baixo para cima. Mas essa circulação nem sempre gera atividades produtivas de maior escala, empregos de qualidade, arrecadação local e desenvolvimento duradouro.

É nesse ponto que a experiência internacional oferece referências. A China, que também instituiu uma renda mínima, o Dibao (Garantia Mínima de Subsistência), enfrentou a pobreza persistente de regiões pouco integradas ao dinamismo nacional com desenvolvimento territorial, investimentos públicos, infraestrutura e mobilização empresarial. O programa Dez Mil Empresas Ajudam Dez Mil Aldeias, lançado em 2015, mobilizou empresas para criar atividades produtivas, empregos e cadeias econômicas em comunidades rurais pobres. Essa estratégia contribuiu para o anúncio chinês, em 2021, da eliminação da pobreza extrema.

A lição não é copiar um modelo estrangeiro, mas compreender que transferência de renda e transformação econômica local são complementares. O Brasil tem condições institucionais singulares para isso. O Cadastro Único e outras bases federais permitem identificar, com precisão, territórios de pobreza persistente, suas potencialidades produtivas e necessidades de investimento.

Dispomos ainda de instrumentos financeiros e jurídicos para atrair empreendimentos âncora, com metas verificáveis de empregos e renda. Não se trata de subsidiar empresas sem contrapartidas, mas de vincular o apoio público a resultados territoriais, integrando agricultura familiar, cooperativas, pequenos negócios e vocações regionais. A organização e a participação comunitária devem começar na concepção dos projetos, com tecnologias sociais mobilizadoras. A experiência da Fundação Banco do Brasil e de outras organizações do terceiro setor no combate à insegurança alimentar pode sustentar esse modelo.

Bolsa Família, Cadastro Único e Suas oferecem vantagem decisiva, poucos países conseguem identificar e acompanhar famílias vulneráveis com essa capilaridade, orientar investimentos e monitorar seus efeitos sociais. O sucesso do Bolsa Família criou as condições para a próxima etapa: uma estratégia nacional de desenvolvimento dos territórios mais pobres.

O Brasil deve celebrar essa conquista. O Bolsa Família é patrimônio da democracia e expressão de sua capacidade de produzir inclusão e justiça social. Mas reconhecer a vitória exige enfrentar, com urgência, a etapa seguinte: unir proteção social e desenvolvimento econômico nos territórios vulneráveis, romper as condições que reproduzem a miséria e criar riqueza, trabalho e oportunidade onde sempre faltaram. Fazer do Brasil, definitivamente, um país que superou a pobreza.



Quando o clima muda, a dengue avança e exige resposta



» JULIO CRODA
Médico infectologista e pesquisador da Fiocruz

Nos últimos anos, o Brasil assistiu à quebra de barreiras geográficas históricas na epidemiologia da dengue, com a expansão sem precedentes da doença rumo à Região Sul e um aumento alarmante de casos notificados durante o inverno no Sudeste. Essa transmissão fora do pico habitual estabelece um risco epidemiológico residual, que impulsiona surtos ainda maiores no ciclo seguinte.

Essa nova dinâmica ganha contornos alarmantes diante da recente discussão, apontada em nota técnica da Escola de Matemática Aplicada da Fundação Getulio Vargas (FGV EMap) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que alerta para a alta probabilidade da formação de um novo El Niño entre 2026 e 2027.

Historicamente, o aquecimento das águas do Pacífico funciona como combustível para crises sanitárias de grande magnitude no país, como as registradas em 1998, 2015 e no biênio 2023-2024. Em cenários como esses, com elevação de temperaturas e, por consequência, alteração do regime de chuvas, as condições são especialmente favoráveis para o aumento da replicação do vírus da dengue, antecipando e intensificando as curvas de contágio.

É justamente essa aceleração da transmissão, associada às mudanças climáticas, que exige uma resposta de saúde pública mais integrada e veloz: além do controle vetorial tradicional, torna-se imperativo conectar vigilância, prevenção e imunização. Contudo, para desenhar estratégias eficazes sob a imprevisibilidade do clima, a gestão de saúde precisa olhar para a ciência vacinal sob duas perspectivas complementares: a eficácia dos testes de laboratório e a efetividade medida na vida real.

Essa distinção é o que conecta a evidência científica ao impacto prático. Os ensaios clínicos de Fase 3, etapa final realizada com milhares de voluntários antes da aprovação regulatória, determinam a segurança e a eficácia biológica de um imunizante. Mas é a efetividade, avaliada após a introdução no sistema de saúde por meio de estudos observacionais, que revela como a vacina se comporta diante de populações diversas e sob diferentes pressões epidemiológicas. É a combinação entre o rigor da pesquisa e a dinâmica do cotidiano que dimensiona o verdadeiro poder de resposta de uma sociedade ao longo do tempo.

De forma ilustrativa, enquanto a eficácia mede a proteção em "ambientes controlados", como o estudo internacional de Fase 3 TIDES, que apresentou eficácia elevada contra hospitalização por dengue e manteve uma resposta robusta ao longo de 4,5 anos de acompanhamento, a efetividade avalia o desempenho do imunizante no "mundo real". Nesse contexto de estresse climático, dados publicados na *The Lancet Infectious Diseases* sobre a vacina durante o surto de dengue em São Paulo demonstraram que o esquema completo de duas doses aumentou significativamente a proteção de adolescentes contra casos sintomáticos da doença.

Essa visão integral é vital porque as mudanças climáticas favorecem a circulação simultânea dos quatro sorotipos da dengue. Para conter essa pressão, a vacinação precisa gerar proteção equilibrada contra todos eles, especialmente em indivíduos sem exposição prévia à doença. É aí que entram ferramentas como a ponte imunológica, que permitem extrapolar evidências de uma população estudada para outras, com mais agilidade, ajudando a antecipar respostas e a fortalecer a preparação dos sistemas de saúde antes que a curva epidemiológica dispare.

Mesmo os modelos estatísticos que desconsideram os efeitos do El Niño já projetam uma base estrutural elevada de 1,7 milhão de casos suspeitos para 2027. Diante disso, o fortalecimento do Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Ministério da Saúde e a adesão vacinal na vida real tornam-se essenciais para proteger a população e mitigar o impacto de um cenário ambiental muito desafiador e sem precedentes.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // *circecunha.df@dabr.com.br*

Tudo vai melhorar

Vistos por alienígenas do espaço sideral ao nosso redor, nossas repetidas comemorações pela chegada do ano novo não fazem sentido algum. Afinal, o planeta completou apenas mais uma volta em torno de sua estrela, o Sol, como aliás tem feito nestes últimos bilhões de anos. Trata-se de toda uma mecânica celeste que parece funcionar com a precisão de um complexo e delicado relógio suíço.

Tempo precioso

O significado desse movimento de translação pode ser entendido tanto pelo cérebro quanto pelo coração. O tempo nos é caríssimo em ambos os sentidos. Em nossa mecânica orgânica, o coração é a peça fundamental. É ele que marca de fato o tempo. A idade de cada um de nós torna-se mais precisamente aferida quando verificamos um simples dado: a quantas horas esta nossa bomba hidráulica segue em funcionamento? Isso desde a sua formação dentro do útero.

A origem

O coração de um embrião humano começa a pulsar por volta da quarta semana de gestação, muito antes de o cérebro estar completamente formado, reforçando a primazia da vida biológica no peito.

Bate ou apanha?

Se o coração de uma pessoa normal tem um batimento cardíaco médio de 75 vezes por minuto, podemos afirmar algo impressionante. Um indivíduo de 20 anos tem dentro do peito um órgão que já vem trabalhando por mais de 175.316 horas. Ou seja, trata-se de uma peça que já produziu aproximadamente 788.923.800 trabalhos mecânicos de sístole e diástole, mantendo o corpo repleto de vida.

Magnetismo

O campo eletromagnético gerado pelo coração é o mais forte de todo o corpo humano: possui até 5 mil vezes mais intensidade magnética do que o campo gerado pelo cérebro, podendo ser medido a vários metros de distância.

O bom remédio

Dar uma boa gargalhada expande o revestimento interno dos vasos sanguíneos (o endotélio) em até 20%, aumentando o fluxo sanguíneo e reduzindo instantaneamente a pressão arterial. O riso é, literalmente, um remédio para o sistema cardíaco.

Incrível

O coração tem o próprio sistema elétrico interno (o nó sinoatrial). Isso significa que, desde que receba suprimento contínuo de oxigênio, ele pode continuar batendo mesmo se for separado do corpo humano.

Curiosidade

Durante uma vida média de 80 anos, o coração humano bate cerca de 3 bilhões de vezes e bombeia sangue suficiente para encher quase 1,5 milhão de barris — o bastante para completar o reservatório de mais de 200 caminhões-tanque.

Cérebro e SNIC

Além de ser essa espécie de relógio a medir o nosso tempo, o coração parece ter vida própria. Ele conta com um cérebro próprio e com neurônios que pensam. Os pesquisadores o chamam de minicérebro. Inclusive, deram um nome técnico para ele: sistema nervoso intrínseco cardíaco (SNIC).

Corpo e espírito

A medicina bioeletrônica já sabe que o coração tem, ao seu redor, grupos organizados de neurônios. Cada grupo executa funções específicas e comuns que garantem o bom funcionamento e a saúde do coração. Deixando de lado os marcapassos, cada vez mais precisos e duradouros, o coração tem funções além da mecânica material. Ele serve como uma ponte vital entre o corpo e o espírito nele contido.

Modos

A questão aqui é simples e resume-se a observar um fato evidente. Sensações, sentimentos, pressentimentos de angústia, alegria e tantas outras experiências etéreas captadas ao nosso redor são impressas no coração. Isso acaba provocando sentimentos físicos de aperto no coração ou de expansão e alegria.

Segredos

Além disso, o coração é luz e habita as esferas do mundo esotérico. Ele é considerado um centro de energia vital e emocional do ser humano na espiritualidade.Nesse campo, os místicos dizem que é por meio do coração que entramos em contato com o divino. Isso possibilita experiências profundas como paz interior e amor incondicional.

Para quem tem emprego

Estatísticas médicas globais mostram que a incidência de ataques cardíacos é substancialmente maior nas primeiras horas da manhã de segunda-feira. O aumento do hormônio do estresse (cortisol) ao transitar do descanso para a rotina de trabalho é o principal fator catalisador.

Fica a dica

Dizem, com toda a razão, que quem é alegre adoece menos e vive muitos anos. Por que seria isso? O fenômeno é fácil de entender quando se observa que a alegria não parte da cabeça, mas, sim, do peito. Tudo vai melhor

A frase que foi pronunciada:
"Se eu roubei teu coração,
é porque te quero bem."

Canção popular

História de Brasília

Os carros da polícia, em número tão grande, e que trafegam naquele trecho bem que poderiam passar por um local limpo.
(Publicada em 27/5/1962)